

O presente interpretado¹

Márcia Câmara², Rio de Janeiro

RESUMO: Esse trabalho resulta de uma série de encontros de um grupo de psicanalistas, que se propuseram a estudar as teorias de Armando Ferrari e Jacques Lacan. Um dos pontos destacados pelo grupo foi o do conceito de tempo na sessão analítica.

PALAVRAS-CHAVE: tempo, temporalidade, memória, relação analítica.

A proposta dessa palestra me induziu a questionar o que seria o meu presente hoje. Tenho a imensa sorte de poder estar acompanhando o crescimento e desenvolvimento de filhos e netos. Atrás de mim um longo caminho de histórias vividas, outras observadas e outras ainda compartilhadas. A perspectiva de futuro não comporta mais tanto espaço. Então o presente é sempre um presente. E nesse presente atual fomos obrigados a nos reinventar!

Uma pandemia acomete a humanidade.

Isolamento lamentos dores perdas mortes tristeza medos!

O que está nos acontecendo...

A arma é outra e outros também são os soldados e os heróis...

A humanidade reage...

O melhor e o pior das pessoas sobressaem...

Amor, solidariedade, respeito....

Por outro lado, já vivi o bastante para saber não desperdiçar tempo...

1. Trabalho realizado por Márcia Câmara e grupo de estudos sobre a teoria de Armando Ferrari e Jacques Lacan: componentes que participaram da reflexão sobre o tempo analítico: Eliana Melo, Eleonora Melo, Marcelo de Vasconcelos, Aguida Nozari, Lígia Estanqueiro do Rego.

2. Membro Efetivo e Analista Didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, Membro do IPFR AB Ferrari, Diretora Científica do Núcleo Psicanalítico de Aracaju.

Tempo é especial e precioso...

Minha experiência pessoal me levou a escolher estar com amigos e pares de discussões e ideias. Passei a aumentar meus grupos de estudos e discussão. Assim, entre pacientes e grupos, vamos lidando com o isolamento social e cultural. A um desses grupos, onde estudamos as ideias de Lacan e de A. Ferrari, podemos dizer que os teóricos, com bastante frequência, utilizam nomeações diversas para os mesmos fenômenos. Propus ao grupo estudarmos a questão da temporalidade na psicanálise. O grupo iniciou então uma série de questionamentos sobre o assunto!

Resolvemos começar pelos gregos antigos e sua fascinante mitologia. Iniciamos nossas especulações com um deus (expressão que as mulheres costumam nominar homens belos, até hoje não consigo entender o porquê, afinal os deuses gregos eram terríveis e super machistas), voltemos ao deus: Kronos, deus do tempo! (Como em toda mitologia, sua estória é bem sinistra.) Kronos era filho de Urano (Céu) e de Gea (Terra), esposo de Rea e pai de Zeus, Netuno, Plutão e Juno. Kronos o senhor do Universo, temendo que seus filhos viessem futuramente a destroná-lo, devorava-os ao nascer. Dessa voracidade apenas escapou Zeus, graças a sua mãe, Rea, que o substituiu por uma grande pedra envolta em panos. A alegoria dessa história é que o tempo consome tudo o que cria.

Crescendo, Zeus força o pai a vomitar a pedra e seus irmãos, e o destrona. Kronos é reduzido à condição de simples mortal e expulso de Creta, asilando-se nas montanhas de Lácio, na Itália, acolhido pelo rei Jano, a quem ensina como reconhecimento pela hospedagem, as leis, as artes, a linguagem e a prudência. Esta segunda alegoria é para dizer que o rei Jano aproveitou as lições do tempo (Kronos), governando seu povo com sabedoria. Kronos é geralmente representado por um ancião curvado ao peso dos anos, empunhando uma foice, porque o tempo ceifa todos os seres vivos.

Existe também outro deus grego chamado Kairós. Este representa o tempo qualificado, o tempo certo, oportuno, o tempo das estações. Em oposição a Kronos, o Pai do Tempo, cronológico, tempo do tic-tac, medido

pelos relógios: as horas, os minutos e os segundos. Através dele esquematizamos nossas vidas: hora de levantar-se, de comer, de trabalhar, de lazer etc. Kairós, por outro lado, marca o tempo do extraordinário acontecer.

Temos o tempo como passagem (Kronos) e o tempo qualificado (Kairós). Este não pode ser medido. É o tempo perfeito, qualitativo, do momento, o agora. Kairós nos permite a transcendência do tempo de Kronos. A intercessão entre a cronologia e o agora: são os acontecimentos significativos da nossa vida, transcendentais. É viver o momento presente na vida. De outro modo: o passado já foi, o futuro uma suposição, o momento presente é o único possível de ser vivenciado (Kairós).

Mas, complementando, ainda temos outro deus, Aion, que remete à qualidade do tempo vivido, algo que não pode ser medido através de números, um tempo indeterminado, é o tempo metafísico em que algo especial acontece, é o tempo marcado com um “antes” e um “depois”. Aion: relaciona a intensidade da vida humana, sem início nem fim, sem medida precisa, é o tempo sagrado e eterno ao mesmo tempo que cíclico e imensurável.

Através da história da humanidade, o homem sempre tentou desvendar o mistério da passagem do tempo. Uma das primeiras marcações do tempo foi encontrada na biblioteca da Babilônia (669-627 AC), no reino de Assurbanipal, pequenos blocos de cerâmica que marcavam as semanas, os meses e o ano. Calendários para esta marcação também foram encontrados entre os índios do México: o famoso calendário Asteca.

Na modernidade, a discussão sobre o tempo continua causando polêmicas. Alguns postulam que o tempo não existe como tal, é uma quimera. Outros discutem a necessidade de se medir o tempo, como forma de possibilitar cálculos sobre a dimensão do humano e do universal.

Há duas visões distintas sobre o significado do tempo. Uma diz que o tempo é linear e parte de uma estrutura fundamental do universo, uma dimensão onde os acontecimentos ocorrem em sequência e que o tempo por si só é algo que pode ser mensurável. Esta é a visão realística nomeada por Sir Isaac Newton.

Outra seria de que o tempo é uma estrutura fundamental do intelecto, junto com o espaço e número, dentro da qual podemos acompanhar uma sequência de eventos, quantificar a duração dos eventos e os intervalos entre eles, possibilitando a comparação de objetos em movimento. Sob este prisma o tempo não se refere a uma entidade que flui, objetos que se movem ou um continente de eventos. Este ponto de vista está em acordo com Leibniz e Kant, onde para eles, o tempo, mais do que ser algo a ser medido, é parte do sistema de mensuração mental. A pergunta seria: é o tempo uma coisa verdadeira ou está ao nosso entorno, ou não seria nada mais que uma forma de falar sobre eventos mensuráveis?

Na física, tempo e espaço são considerados fundamentais e não podem ser definidos de outra maneira. A discussão a respeito da mensurabilidade do tempo é extensa. Hoje, no desenvolvimento da física moderna, a partir de teorias como da relatividade de Einstein e de outros tantos físicos que tentam lidar com a questão tempo-espaço-massa para descobrirem os segredos do Universo, são inúmeras.

Observarmos também, na sociedade moderna, que todas as culturas se orientam por um tempo, hoje chamado universal, medido por aparelhos atômicos que precisam o tempo para o mundo. Isto aparece embutido culturalmente na frase: “Tempo é dinheiro”, referência à sua mensurabilidade e ao seu aspecto econômico-financeiro.

Através das artes, o tempo também é tema de expressão não só de autores como Proust em sua magnífica obra: “Em busca do tempo perdido”; nas artes plásticas, tendo em Salvador Dali um de seus maiores representantes, com seus quadros surrealistas sobre o tempo, e no cinema, onde pode ser retratado de forma excepcional. A “sétima arte”, número em si cabalístico, transcende ao aprisionamento temporal. Passado, presente e futuro são meros acompanhantes da história desenrolada. Outra questão interessante é a visão religiosa do tempo, que determina o calendário de acordo com a visão histórico-religiosa de um povo.

No primeiro capítulo de “Uma nova história do tempo”, S. Hawking e L. Mlodinow sugerem que para você tentar entender o que acontece em

nosso universo, seria melhor você esquecer tudo, por um minuto, o que você sabe, ou acha que sabe, sobre o espaço. Então, olhe para o espaço e veja o que você diria estar acontecendo. Contam que os povos antigos tentaram arduamente entender o universo, mas não possuíam conhecimento nem instrumentos possíveis para tal empreitada.

Freud, em outra área do conhecimento, tentou dar conta da complexidade do funcionamento do universo psíquico humano. No seu mais audaz trabalho, O Projeto, como pesquisador que era, tentou explicar o surgimento da consciência e o emaranhado da fisiologia do cérebro. Confessou a seu amigo Fliess, que estava numa tarefa de enlouquecer: ele não tinha os meios para tal empreendimento, mas foi o primeiro neurocientista a tentar desvendar os segredos da mente humana. Se como neurocientista lhe faltaram os instrumentos, como psicanalista sua genialidade não foi bloqueada. Não vou lhes cansar aqui com o mais que familiar a todos: a obra de Freud. Estaria tomando tempo para que possamos continuar nosso questionamento sobre a temporalidade e sua relação com a psicanálise.

O tempo que se inicia na concepção e termina com a morte. O tempo de Kronos, o que marca a “flecha do tempo”. Este é o comum a todos os seres vivos, o quantificável, presente em todas as nossas células, que de minuto a minuto se desgastam. Mas qual será o tempo que interessa ao processo analítico? Deveríamos nos orientar pela flecha do tempo, aquela que inicia a vida humana e que está determinada pela morte? Pensamos ser no espaço entre esses dois momentos que reside nosso interesse: não como o homem computa o tempo, mas como ele se desenvolve ao longo de seu tempo de vida disponível. Assim, podemos dizer que nos orientamos pela vida e a morte é só uma consequência.

E o tempo da sessão analítica? Teorias diferentes orientam de forma diversa esta duração: 50 minutos, 45, tempo lógico, uma vez por semana, duas, cinco. O que determina a validade da mensuração?

As discussões sobre a validade do processo analítico, quanto ao número de sessões ou a duração de uma sessão, têm ocupado espaço em inúmeros congressos de psicanálise. Às vezes pensamos que o tempo ocupa

o lugar da competência. O que nos importa é se o processo analítico está acontecendo. Nestes encontros analíticos, como lidamos com o tempo? Muitos pensares, sob diversos vértices teóricos possíveis.

Focalizemos agora Lacan, o nomeador do tempo lógico! O que seria? Ele faz uma crítica à questão do tempo cronológico das sessões. Postula que grande parte dos analistas ritualizou o tempo da sessão de análise em um ritual obsessivo. Propõe então o que ele vai chamar de tempo lógico! Para ele o inconsciente não trabalha com o tempo de Kronos! Diz que os neuróticos seriam a prova disso: ou eles sentem que se tivesse sido ontem teria sido melhor (histeria), ou melhor, seria depois, a procrastinação dos obsessivos. Lacan então vai trabalhar com a noção da conclusão antecipada para quebrar com os sintomas dos neuróticos que estão sempre no passado ou no futuro, mas nunca no agora! Realidade não possível! O tempo lógico é o tempo do aqui e agora que se dá no transcorrer do encontro analítico, enquanto o diálogo conter sentido, que pode resultar numa sessão de menos tempo ou uma sessão interrompida. Com isso força o analisando a subjetivar mais a sessão, onde a sessão não termina com o final do horário analítico, mas continua dentro do sujeito, provocando efeitos que levarão a mudanças da posição subjetiva dos pacientes.

Vamos nos voltar a outra abordagem da clínica psicanalítica, o momento do encontro entre duas pessoas que se propõem um trabalho de investigação pessoal: paciente e analista empenhados nesta tarefa. Pensamos ser interessante o conceito de análise proposto pelo Prof. Ferrari: “sistema auto-interpretante caracterizado pelo duplo movimento do “ir para si próprio” do analisando e do “voltar para si próprio do analista”. Sistema que vê analista e analisando em posição paritária, quanto a responsabilidades e competências relativas ao próprio âmbito, e que, em seu desenvolver-se no aqui e agora, exprime uma específica função criativa dirigida para a ativação dos recursos psíquicos e dos potenciais processos de pensamento de ambos por meio da Proposição Analítica.” (*Alba Del Pensiero*, pg. 154).

Nossas experiências de vida são registradas por nosso corpo e decodificadas por nossa mente (utilizo o termo mente se referindo às funções

do Binário, conceito de Ferrari em sua teoria do OOC). Estes registros, decodificados, quantificados e armazenados, vêm a formar nossa memória, a função mental que registra a construção de nossa história de vida. Infância, adolescência, idade madura, a velhice, vamos de alguma forma nominando essa temporalidade da vida em função das experiências do desenvolvimento do ser humano.

Existem teorias psicanalíticas, por exemplo, que trabalham com o conceito de regressão, como se o paciente estivesse regredido a momentos de sua infância, afirmações do tipo: meu paciente está muito regredido. O que seria uma regressão? Existem até trabalhos ou terapias que falam em regressão para o paciente voltar aos seus traumas da infância, existem outras que até vão mais além, falam a regressão a vidas passadas. Mas de qualquer forma regressão é uma palavra que fica muito presente nos conceitos psicanalíticos. Podemos nos referir, na sequência de ideias, sobre os sonhos premonitórios, que dizem do ainda não acontecido. Será que poderíamos possuir uma mente que pode viajar tanto para o passado como para o futuro? Estaríamos nos voltando para as leis da física, como afirma Hawking, onde não há distinção entre passado e futuro. O tema é fascinante, poderíamos nos estender por muito mais páginas, mas focalizemos a questão do trabalho analítico. Como é que se organiza no hoje e no agora, no seu tempo e espaço, dentro do trabalho analítico, poder entender, ou de pensar em que momento você, como psicanalista, está ali disponível para ouvir o discurso, ou a fala ou a presença daquela pessoa que está com você dizendo alguma coisa.

Que registro eu posso fazer disso, como é que está o meu aparelho perceptivo para eu perceber esses instantes que se sucedem do meu discurso? Porque se eu não tiver um aparelho perceptivo capaz de decodificar todos esses instantes, o que eu teria seriam micro instantes, de situações em que provavelmente a minha fala ficaria reduzida às letras, se a gente reduzir o micro instante, e, provavelmente não faria sentido o sentido da palavra. Faria um sentido de uma série de *slides* de tempo memória, de tempo espaço que não formariam um sentido global, mas isso é o memento que eu vivo.

Então o momento me permite, através de uma série de possibilidades mentais da conjuminação da capacidade de elaborar esses mementos, numa rapidez absurda, onde eu possa entender a palavra por exemplo, flecha, e não F L E C H A, mas flecha. A flecha dentro de uma sentença, mas a sentença dentro de um contexto, o contexto fazendo uma história, de todo um momento, de um momento presente. Que é absolutamente instantâneo, porque do momento em que eu viva alguma coisa, ele já não é mais aquela coisa. Ele já passou a ser história daquilo que eu vivi, e aquilo que eu estou vivendo, eu estou registrando para ser uma história. E, aquilo que eu não vivi é só uma suposição. Então, como seria esse memento na sessão analítica, do que estamos falando? Uma coisa que eu sempre digo do que você está falando. Você tem ideia do que você está falando? Para eu poder acompanhar, porque senão eu não poderia acompanhar, eu estou ali com ele naquele momento, eu não sei do ontem e nem do depois, estou sabendo do agora, do meu agora, ouvindo aquela pessoa que me diz do seu agora, e, que me diz e pode me dizer de N maneiras, e, que carrega histórias, lembranças e esperanças. Mas o que é o agora para ele? Qual é a sua percepção do seu estar ali? Qual é a sua percepção do seu presente, qual é a percepção que ele possa ter de como ele organiza a sua mente para perceber aquele momento?

É algo interessante, por exemplo, eu tinha um pacientinho, ele estava com 4 anos de idade. Um dos primeiros pacientes da minha vida, nós tínhamos os brinquedos que nós brincávamos, através dos quais conseguíamos conversar, desenvolver as possibilidades dele. E, um dia ele estava brincando, parou de brincar, se virou para mim e disse: Márcia, eu tenho uma coisa para contar para você, que aconteceu comigo há muito tempo atrás quando eu era pequeno. E, eu disse ah é? Aí ele me contou uma história. Mas esse referencial eu nunca esqueci. *“Eu tenho uma história para contar para você, de há muito tempo atrás quando eu era pequeno”*, enfatiza o garoto. Ora, imagina o “há muito tempo atrás” para uma criança de quatro anos. Como em outros momentos, um paciente adolescente me dizia, pois é, na minha infância, há muito tempo atrás. O mesmo “há

muito tempo atrás”, de um menino de 4 anos e de um adolescente de 15. Seguindo adiante, uma paciente de 30 anos, que disse, pois é, Márcia, há muito tempo atrás, quando eu tive o meu primeiro namorado... eu tinha 15 anos. Bom, então já temos uma data, 15 anos para uma mulher de 30 é muito tempo atrás. E, para uma mulher de 40, o que seria há muito tempo atrás? E, para uma pessoa de 50, e para um paciente de 60, que me diz: Pois é, há muito tempo atrás, quando eu conheci minha mulher. Bom, quando ele conheceu a mulher, ele tinha 25, então, qual é a noção de tempo que a gente pode ter, do “há muito tempo atrás”? O “há muito tempo atrás” não é hoje, o “há muito tempo atrás” é uma lembrança que significa uma possibilidade de dizer do agora, então o “há muito tempo atrás” não existe mais. Aconteceu, acabou, foi. A questão é como o agora está acontecendo. No momento espaço tempo dessa pessoa, porque o “há muito tempo atrás” não tem mais sentido, a não ser a significância do hoje, do agora, do atual. O que você está fazendo com toda a informação que você tem que diz de você, do agora. Do agora, do viver, da sua capacidade de desenvolver a sua experiência em termos estruturais e a capacidade reflexiva enfim de toda a sua vida. Não é somente reflexivo, analógico, simbólico, metafórico, de todo o funcionamento disponível dentro do espaço temporal em que a pessoa se encontra: o espaço do encontro analítico. Então quando um paciente apresenta sua história, do que está realmente falando: de um acontecido, ou de um desejo ou de perspectivas de futuro? Eu me pergunto: então está acontecendo, isso foi ou talvez será?

Reflexões de uma analista em curso!

O presente interpretado e interpretável, a nossa única possibilidade!

THE PRESENT INTERPRETATED

ABSTRACT: In this article a group of psychoanalysts propose to realize a comparative study between the theories of Armando Ferrari and Jacques Lacan. Mainly focusing the significance of time in the psychoanalytic encounter.

KEYWORDS: time, meaning of time, memory, analytic relation.

EL PRESENTE INTERPRETADO

RESUMEN: En el presente artículo un grupo de psicoanalistas se proponen a realizar un estudio comparativo entre las teorías de Jacques Lacan e Armando Ferrari. Principalmente focalizando la significancia del sentido del tiempo en la relación analítica.

PALABRAS CLAVE: tiempo, temporalidad, memoria, relación analítica.

REFERÊNCIAS

Ferrari, A. *O Eclipse do Corpo*. Imago Editora Ltda: Rio de Janeiro, 1995.

Freud, S. (1887-1902). *The Origins of Psychoanalysis – Letters to Wilhem Fliess*, pág. 122-123, carta 27. Basic Books, Inc., Publishers: New York.

Lacan, J. O Tempo Lógico e a asserção da certeza antecipada, pág. 197 a 213. In *Os Escritos*. Jorge Zahar Editor Ltda: São Paulo, 1998.

Hawking, S. *Uma breve história do tempo*. Editora Intrínseca Ltda: Rio de Janeiro, 2015.

mlocamara@gmail.com